



Escola Alemã de Lisboa enfrenta os fantasmas de um passado nazi

P4 a 9



Lisboa

Membros da comunidade alemã de Lisboa fazem a saudação nazi na Avenida da Liberdade, numa fotografia do jornal O Século captada em 1936

Reportagem Em 1972, a *Grândola* de José Afonso fazia vibrar os opositores ao franquismo num concerto sobrelotado na Universidade de Santiago de Compostela, na Galiza, “a pátria espiritual do Zeca”, onde este ano o cantor está a ser celebrado

Por José Miguel Sardo, em Santiago de Compostela

Grândola, Vila Morena Uma revolução galega

A cerimónia assinalava os 50 anos da Revolução dos Cravos com um “canto colectivo” de *Grândola, Vila Morena*, mas para as centenas de pessoas reunidas na cidade universitária de Santiago de Compostela, o evento não se limitava a celebrar a senha da revolução portuguesa de 1974. Frente ao edifício do Auditório da Galiza, onde a multidão convocada pela Câmara de Santiago ensaiava o compasso dos coros alentejanos, uma placa e um mural recordam que foi naquele mesmo local que, a 10 de Maio de 1972, José Afonso terá cantado pela primeira vez ao vivo a canção escrita em 1964, depois de um concerto em Grândola, e gravada em 1971, em Paris, no álbum *Cantigas de Maio*.

Entre os participantes do canto colectivo, Maite Angulo enumera as várias razões que fizeram com que a memória dessa “primeira *Grândola*” tenha persistido até hoje na Galiza e em especial em Santiago, onde uma rua e um parque da cidade ostentam o nome de José Afonso. “Este concerto foi uma verdadeira

injecção de confiança para toda uma geração que lutava pela liberdade; entre o público estavam muitos futuros dirigentes sindicais e políticos, para lá dos músicos da chamada ‘nova canção galega’ para quem o Zeca foi uma fonte de inspiração e de amizade”, lembra Maite. Viúva do músico Benedicto Garcia Villar, fundador em 1968 do movimento de canto de intervenção em língua galega Voces Ceibes (Vozes livres), Maite participou num encontro, em Setúbal, que esteve na origem da primeira digressão do cantor na Galiza em 1972, com concertos em Ourense, Lugo e finalmente Santiago. “O Benedicto só tinha ouvido um disco do Zeca – *Traz Outro Amigo Também* (1970) – e não o conhecia pessoalmente, mas consegui um contacto e fomos até à casa dele em Setúbal. A conversa foi longa, ele era um homem de 40 anos – nós tínhamos 20 e poucos – e sabia as perguntas que tinha de fazer para perceber se não éramos da PIDE, até que finalmente baixou a guarda e convidou-nos a ficar em casa dele onde passámos três dias que terminaram com uma digressão agendada para Maio”, recorda Maite.

“Abaixo a dentadura”

Apesar da repressão que se abate desde finais dos anos 1960 sobre os meios estudantis e que não poupa os chamados “cantautores” de música de protesto galega, no seio da revoltosa Faculdade de Economia da Universidade de Santiago, Arturo Reguera, então um estudante membro do Partido Comunista, consegue fazer com que a censura autorize uma série de concertos de cantores “proibidos” nas instalações da universidade. Antes da actuação de Zeca, Reguera tinha organizado outros recitais que hoje fazem parte da história da contestação ao franquismo por parte da geração dos “baby boomers” galegos, espectáculos que vão desde o do cantautor valenciano Raimon em 1967 ou os vários recitais de músicos de intervenção do grupo Voces Ceibes à actuação de Luís Cília em 1971.

O concerto de Zeca Afonso em Santiago tinha terminado com uma multa de dez mil pesetas e a proibição da actuação seguinte prevista na Corunha, após uma denúncia interposta pelo cônsul de Portugal contra um evento “de carácter subversivo”. “A polícia galega não tinha a mínima ideia de

quem era o Zeca, mas tivemos de enviar as letras das canções à censura para que o concerto fosse autorizado. Como não sabíamos que canções ia cantar, decidimos enviar todas as letras dos discos do Zeca que tínhamos: *Traz Outro Amigo Também*, *Cantigas de Maio* e o *single Vampiros*. Cada cidade tinha um censor diferente e enquanto em Lugo todas as letras foram autorizadas, em Santiago os textos foram passados a pente mais fino e a canção *Vampiros* foi a única que não foi autorizada”, lembra o escritor. Maite Angulo, ao lado de Reguera no canto colectivo de Santiago, acrescenta: “Desde que se enviasse à censura e fosse aprovado e se pagasse uma taxa, o concerto podia ser autorizado; Bibiano, outro cantor de Voces Ceibes, tinha o truque de enviar ao censor a letra de uma canção cujo refrão dizia ‘Abaixo a dentadura’, mas depois em palco cantava ‘Abaixo a ditadura’, era a regra do jogo para poder passar a mensagem.”

Um recital altamente subversivo

“Visto de hoje, parece-me estranho que o concerto de Zeca tenha sido autorizado, por se tratar de um evento altamente



subversivo num momento de particular tensão e repressão”, lembra Emilio Pérez Touriño, ex-presidente socialista do governo autonómico galego (2005-2009). Em 1972, Touriño era um dos líderes estudantis da ala progressista e no dia 10 de Maio foi convidado a ser o “mestre-de-cerimónias” do concerto de Zeca no refeitório da Faculdade de Economia.

Alguns meses antes do concerto de Santiago, Amador e Daniel, dois militantes do sindicato comunista Comisiones Obreras, eram mortos e 40 manifestantes ficavam feridos durante uma carga policial sobre um protesto pacífico em Ferrol; e alguns meses depois da actuação de Zeca, em Setembro, Vigo seria palco de uma greve geral inédita que paralisou a cidade durante 15 dias.

Dentro da Universidade de Santiago, em Março de 1968, uma revolta estudantil tinha ocupado durante três dias o edifício da reitoria, em protesto contra a decisão do reitor de não reconhecer a vitória de uma lista alternativa ao sindicato do regime nas eleições para o órgão representativo dos estudantes. Ao terceiro dia de ocupação, a polícia entrava nas instalações para

Galiza

O ensaio de Zeca com Benedicto e os cantores portugueses que acompanharam a digressão de 1973 na Galiza

“

*Visto de hoje,
parece-me estranho
que o concerto de
Zeca tenha sido
autorizado*
Emilio Pérez
Touriño

desalojar os revoltosos, detendo ou expulsando vários estudantes e proibindo as actividades da lista democraticamente eleita. Uma resposta dura que não conseguiu silenciar o movimento, que, com aquele recital de 10 de Maio, prosseguia a luta. “O espaço era bastante grande, mas estava a abarrotar e essa foi a primeira surpresa, não esperávamos tanta gente, mesmo o Zeca ficou impressionado”, recorda Touriño, então o apresentador do concerto. “Lembro-me que havia tensão e nervos, não fiz política na apresentação, mas fiz referência à necessidade de resistência para defender a liberdade no contexto do nosso movimento estudantil. Não era um discurso antifranquista, porque não era permitido, mas todos entendiam a mensagem.”

No palco, Zeca e Benedicto entoaram todas as canções autorizadas cujas letras tinham sido impressas e distribuídas pelo público, até que chegou esse momento que, para Touriño, resume toda a intensidade do evento. “De repente e sem que estívéssemos à espera, o Zeca começa a explicar ao público que vai cantar *Grândola* e começa a fazer subir alguns de

nós ao palco para ensaiar o passo alentejano. Como tínhamos distribuído a letra das canções, a sala inteira começa a acompanhar a canção e, como a letra é tão expressiva, a ligação foi quase imediata e toda a sala vibrava ao ritmo daquela canção.”

“[O êxito inesperado de Zeca e da imprevista *Grândola* naquele 10 de Maio explica-se também] pela proximidade que tínhamos com Portugal, a nível histórico e linguístico, mas também a nível da luta contra a ditadura, uma vez que vivíamos sob regimes opressivos com contornos semelhantes”, segundo Touriño. Arturo Reguera, que depois dos três concertos na Galiza regressou com Zeca Afonso a Portugal com Maite e Benedicto, lembra um cantor português emocionado e entusiasmado com aquele acolhimento. “Ele não estava habituado a que se imprimisse a letra das canções e que o público as acompanhasse e era impressionante ver, de cada vez que virava uma página no palco, um mar branco de papéis a mover-se ao mesmo tempo. Quando regressou a Portugal, não parava de falar desses concertos e desde então ficou profundamente ligado à Galiza.” →

A Grândola de Março e a Grândola de Abril

O êxito do concerto em Santiago de 1972 e a amizade e colaboração tecida entre Zeca e Benedicto – com quem gravaria o álbum *Eu Vou Ser como a Toupeira* (1972) e realizaria vários concertos – levariam também o cantor português a regressar à Galiza para mais duas actuações, no ano seguinte (com José Jorge Letria, Manuel Freire e Francisco Fanhais) e em 1974 para uma actuação a poucas semanas do 25 de Abril. “Estávamos na Primavera e em Portugal tinha havido o golpe das Caldas e estávamos à espera do Zeca, para que nos dissesse o que se estava a passar; mas ele estava impassível, limitou-se a dizer que nada tinha mudado e que aquilo eram apenas coisas entre militares”, lembra Reguera. Semanas depois, *Grândola* voltava a soar na Galiza, agora como a música da revolução, que do outro lado da fronteira tinha contribuído para derrubar a ditadura, abrindo uma expectativa da qual José Afonso continua ainda hoje a ser um símbolo para muitos galegos.

Nesse dia 25 de Abril, Emilio Pérez Touriño viajava para a Corunha para uma reunião clandestina do Comisiones Obreras: “A meio do caminho recebemos a notícia, e foi arrebatadora, não só pela Revolução dos Cravos que criava uma grande expectativa, tendo em conta que na altura estávamos a tentar convocar uma greve geral revolucionária que nunca se concretizou, mas também por saber que a *Grândola* que tínhamos ouvido em Santiago pela primeira vez tinha sido a senha para dar o sinal de partida – tudo aquilo criava uma imensa esperança.”

Hixínio Beiras, então estudante finalista de Medicina e membro dos comités clandestinos que organizavam os recitais subversivos em Santiago, lembra: “Depois do concerto do Zeca tinha-se criado um ambiente muito português na Galiza que acabaria por culminar no 25 de Abril e nas verdadeiras excursões que se organizavam nos meses seguintes a Portugal, para ver como se vivia em democracia e para tentar ver se podíamos fazer o mesmo deste lado.”

“Grândola já está feita”

Zeca Afonso daria o seu último concerto a norte do rio Minho em 1984, na Corunha,

mas entre o período pós-Revolução dos Cravos em Portugal e a negociada transição democrática em Espanha após a morte de Franco, o canto em uníssono de *Grândola* começava a sofrer algumas dissonâncias. “Depois do 25 de Novembro de 1975, José Afonso estava um pouco desiludido com o rumo da revolução; dizia que já não se fazia música por causa do ‘desespero revolucionário’ e lembro-me de um concerto perto de Vigo em que lhe pediram para cantar *Grândola* e não o fez, respondendo que era preciso inventar outras canções, que aquela já estava feita”, lembra o músico e musicólogo Francisco Peña Villar.

Também conhecido como “Xico de Cariño”, o tocador de harmónica conheceu Zeca em Paris em 1970 e actuou com ele em vários concertos na Galiza depois de 1975, tendo sido um dos coordenadores de um festival de homenagem ao cantor, já gravemente doente, que durou mais de 12 horas, frente a 20 mil pessoas, em 1985, em Vigo. Em palco desfilaram nomes como José Mário Branco, Vitorino, Janita Salomé, entre grupos e intérpretes de música tradicional galega, música brasileira e, a pedido de Zeca, um grupo musical de Timor-Leste. Foi um espectáculo organizado pelos círculos próximos do movimento nacionalista galego para quem Afonso, como Vitorino, Fausto ou José Mário Branco se tinham tornado mais uma ponte com Portugal para defender a língua e a cultura galegas. “Ele não queria que lhe fizéssemos uma homenagem e muito menos que arrecadássemos fundos para o ajudar a enfrentar a situação difícil em que se encontrava, mas acabou por aceitar com uma condição: que dedicássemos o festival a Timor-Leste, que na altura lutava pela independência da Indonésia e enviou-nos uma carta que foi lida no concerto em que expressava o seu apoio ao povo galego e ao povo timorense”, lembra Xico de Cariño.

“A pátria espiritual” de Zeca Afonso

Não longe do centro de Santiago de Compostela, na associação cultural Gentalha do Pichel, próxima do movimento nacionalista galego, as ligações com Zeca e Portugal são resumidas numa frase de um dos responsáveis: “No movimento galeguista temos tendência a olhar para Portugal e ver como poderia ser a Galiza.” A



Memórias

Em cima, Mural na Faculdade de Economia da Universidade de Santiago com Zeca Afonso representado entre várias personalidades ilustres. Em cima, à direita, Recital de Zeca e Benedicto nas Astúrias, em 1974. Em baixo, da esquerda para a direita, Emilio Pérez Touriño, ex-presidente da Xunta de Galicia; Maite Angulo, que participou num encontro, em Setúbal, que esteve na origem da primeira digressão de Zeca na Galiza, em 1972; Odilo Gonzalez, presidente da Associação José Afonso Galiza

associação fundada há 20 anos é palco todos os anos de vários acontecimentos que recordam o cantor como um símbolo das ligações entre a Galiza e Portugal.

Beatriz Bieites, outra das responsáveis da associação, lembra as actuações de músicos portugueses no encaço de Zeca Afonso em Santiago, como a de João Afonso, o sobrinho do cantor, a mais recentemente a actuação de A Garota Não em 2022, durante as celebrações que marcaram os 50 anos do histórico concerto de Santiago. “Uma personagem com o calibre do Zeca – para quem a Galiza fazia parte da sua identidade – é uma ferramenta muito valiosa para todos os que divulgam a cultura galega e defendem que a nossa história deve ser recordada e reconhecida”, diz Beatriz.

Entre os projectos lançados pela

FOTOGRAFIAS: JOSÉ MIGUEL SARDO





associação encontra-se a escola de ensino em galego Semente, que integra Zeca e o 25 de Abril no currículo e que editou, em 2017, o livro *Zeca Afonso para Crianças* destinado ao público infantil. “Se a geração dos meus pais e dos meus avós conhecia bem *Grândola* e Zeca, nas novas gerações este conhecimento vai-se esmorecendo fora de círculos mais politizados e foi por isso que, em 2008, decidimos criar uma delegação galega da Associação José Afonso (AJA) portuguesa”, explica Odilo Gonzalez Carnero, presidente da AJA Galiza, instalada em Compostela.

Com o primeiro concerto onde se entouu *Grândola* sempre na memória, a associação apresenta-se como a continuidade da relação especial tanto do cantor como de Portugal com a Galiza, desenvolvendo vários projectos no fio de uma história



comum. “Recentemente ocorreu algo curioso na Galiza, um pouco impulsionado por nós, quando a música do Zeca – *Achêgate a mim, Maruxa* – que faz parte do cancionero limiano galego e que tinha caído quase no esquecimento, regressou ao reportório dos grupos musicais e mesmo com novas versões daquela a que chamam ‘a canção galega do Zeca’; reabilitamos esta memória graças a ele”, lembra Odilo.

Em Abril, a AJA tinha participado na organização não só do canto colectivo em Santiago, como de um concerto no Teatro Principal da cidade com três grupos musicais convidados a apresentar novas versões da música do cantor. E se Odilo recorda citações do cantor de *Grândola* quando afirmava que a Galiza era a sua “pátria espiritual”, lembra ao mesmo tempo que a associação reivindica Zeca “como um artista revolucionário, mas não apenas em termos políticos – ele foi um artista que soube misturar músicas de várias latitudes, da africana à brasileira, passando pela canção popular portuguesa”.

A primeira *Grândola*?

Apesar das diferentes revoluções (realizadas ou idealizadas) que Zeca Afonso possa continuar a simbolizar na Galiza, todas têm como ponto de partida essa “primeira *Grândola*”. Roberto Samartim, professor da Universidade da Corunha e co-coordenador do livro *Os 50 Anos de Abril na Galiza*, publicado em Abril, não hesita em lembrar que “os cantores galegos aprenderam muita coisa com o Zeca Afonso, da recuperação da música popular ao reconhecimento de que se podia ser de esquerda e utilizar este estilo musical, quando nessa época, na Galiza, a música mais folclórica estava relacionada com as



“
Ele não estava habituado a que se imprimisse a letra das canções e que o público as acompanhasse e era impressionante ver, de cada vez que virava uma página no palco, um mar branco de papéis a mover-se ao mesmo tempo. Quando regressou a Portugal, não parava de falar desses concertos e desde então ficou profundamente ligado à Galiza
 Arturo Reguera

organizações franquistas”.

Frente ao Auditório da Galiza, a multidão dispersa-se depois de cantar *Grândola, Vila Morena* como um coro bem ensaiado a acompanhar a letra impressa e distribuída pelo público, como em 1972. Arturo Reguera, que, hoje, “por coincidências da vida”, vive precisamente em Grândola, tem uma teoria sobre as razões que levaram Zeca a cantar a futura senha de Abril em Santiago. “Anos depois estive com ele em Grândola e levou-me a conhecer a associação a que dedicou a canção depois de ter actuado no local e sentido aquele ambiente de solidariedade que descreve; penso que, de alguma forma, senti esse mesmo ambiente naquele concerto de Santiago.” A mesma solidariedade manifestada anos mais tarde pelo grupo de amigos galegos, quando a esclerose lateral amiotrófica que vitimaria o cantor em 1987 o forçou a abandonar os palcos. “Há que reconhecer que foi uma pessoa muito mal tratada economicamente em Portugal – esteve doente e foi pouco ajudado; aqui na Galiza fizemos subscrições entre artistas para ajudar o Zeca, o elevador que foi instalado na casa dele foi pago com o dinheiro arrecadado na Galiza”, lembra Maite Angulo.

Mas, como no coro alentejano de *Grândola* há sempre uma voz que por momentos parece querer distanciar-se do grupo, também a questão da primeira *Grândola* cantada em Santiago tem as suas vozes dissonantes. Xico de Cariño deixa a questão no ar, quando lembra isto: “Tanto quanto sei, José Afonso teria cantado *Grândola* ao vivo pelo menos duas vezes antes de ter actuado em Santiago, em 1971 no festival dos povos ibéricos organizado por Paco Ibañez em Valência, antes de gravar o disco em Paris, e nesse mesmo ano, meses mais tarde, em Grândola, durante uma homenagem a Alves Redol.”

Depois de Santiago, Oviedo, nas Astúrias, reclama ser a casa da “segunda *Grândola*” cantada ao vivo durante os concertos realizados pela dupla Benedicto-Zeca depois da digressão galega, em Agosto de 1972. Como nos coros alentejanos a voz aparentemente dissonante acaba por ser mais um elemento da harmonia, também o debate amigável sobre “a primeira *Grândola*” acaba por ser mais um exemplo de como uma música alentejana continua a ressoar a várias revoluções com uma história própria para lá do rio Minho.